

O PAPEL DA ENFERMAGEM NO MANEJO DA DEPENDÊNCIA A OPIÓIDES: UMA ABORDAGEM MULTIDIMENSIONAL

Julia Lorrane Souza Moreira Carvalho

Graduanda em Enfermagem - Faculdade Estácio de Sá

<https://orcid.org/0009-0003-5124-6393>

E-mail: Juliasouzacarvalho2025@gmail.com

Bruna Rodrigues Martins de Jesus

Enfermeira, Especialista em Saúde Pública, Gestão da Qualidade e Docência em Enfermagem - Unifoz.

<https://orcid.org/0000-0002-7412-5821>

E-mail: enfbrunarm@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RPS-2025.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RPS-2025.V2N3-02>

RESUMO: Introdução: O aumento dos casos de dependência relacionados ao uso de opióides tem representado um desafio significativo aos profissionais de saúde, especialmente para a equipe de enfermagem, no enfrentamento dos sinais e sintomas relacionados a esse transtorno. Objetivo: Analisar a atuação da enfermagem no manejo da dependência a opióides em pacientes com dor aguda e crônica. Metodologia: Pesquisa descritiva, de abordagem mista, fundamentada no levantamento bibliográfico de artigos científicos publicados nas fontes BVS, LILACS, MEDLINE e BDENF. Após a composição das 41 amostras procedeu-se a leitura criteriosa e na íntegra, os critérios de inclusão foram artigos publicados em português e inglês com os resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas, no período entre 2015 a 2025, quanto aos critérios de exclusão foram artigos que apesar de possuir os descritores da pesquisa nos resumos ou títulos, não se enquadram com o objetivo deste estudo, além de artigos não disponibilizados na íntegra e/ou repetidos nas bases consultadas, resultando em 17 artigos. Resultados e Discussão: Foram elaborados dois quadros com o objetivo de sintetizar e organizar as principais evidências qualitativas do estudo. O Quadro 1 apresenta os principais artigos analisados, detalhando objetivos, metodologias e resultados, o que reforça a base científica e contribui para a transformação da prática assistencial. Já o Quadro 2 sistematiza os efeitos adversos dos opioides e as intervenções específicas de enfermagem, facilitando a consulta clínica. A discussão foi construída com base nos dados analisados que demonstram como a abordagem multidimensional melhora o cuidado da enfermagem na monitorização contínua para identificação de sinais precoces de dependência, educação e orientação aos pacientes que fazem uso desses fármacos baseada em evidências. Conclusão: Conclui-se que a atuação do profissional de enfermagem é indispensável na redução de riscos, na oferta de cuidados centrados no paciente, na orientação em saúde e na conscientização quanto ao uso adequado de opioides por indivíduos que fazem uso contínuo para o alívio da dor aguda ou crônica. Essa abordagem contribui relevantemente para a proteção do paciente e para o enfrentamento da dependência. A pesquisa cumpriu sua finalidade ao objetivo proposto. Ainda assim, reforça-se a necessidade de novos estudos que aprofundem as práticas de cuidado e intervenções voltadas à dependência dessas substâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Opióide. Enfermagem. Manejo da Dor. Dependência.

THE ROLE OF NURSING IN MANAGING OPIOID DEPENDENCE: A MULTIDIMENSIONAL APPROACH

ABSTRACT: Introducción: El aumento de casos de dependencia relacionados con el uso de opioides ha representado un desafío significativo para los profesionales de la salud, especialmente para el equipo de enfermería, en el manejo de los signos y síntomas relacionados con este trastorno. Objetivo: Analizar el rol de enfermería en el manejo de la dependencia de

opioides en pacientes con dolor agudo y crónico. Metodología: Investigación descriptiva, con un enfoque mixto, basada en el estudio bibliográfico de artículos científicos publicados en las fuentes BVS, LILACS, MEDLINE y BDNF. Después de componer las 41 muestras, se realizó una lectura cuidadosa y completa. Los criterios de inclusión fueron artículos publicados en portugués e inglés con resúmenes disponibles en las bases de datos seleccionadas, en el período comprendido entre 2015 y 2025. Los criterios de exclusión fueron artículos que, a pesar de tener los descriptores de investigación en los resúmenes o títulos, no se ajustaban al objetivo de este estudio, además de artículos no disponibles en su totalidad y/o repetidos en las bases de datos consultadas, resultando en 17 artículos. Resultados y Discusión: Se elaboraron dos tablas para resumir y organizar la principal evidencia cualitativa del estudio. La Tabla 1 presenta los principales artículos analizados, detallando objetivos, metodologías y resultados, lo que refuerza la base científica y contribuye a la transformación de la práctica asistencial. La Tabla 2 sistematiza los efectos adversos de los opioides y las intervenciones de enfermería específicas, facilitando la consulta clínica. La discusión se basó en los datos analizados que demuestran cómo el enfoque multidimensional mejora la atención de enfermería en el monitoreo continuo para identificar signos tempranos de dependencia, la educación y la orientación a los pacientes que usan estos fármacos con base en la evidencia. Conclusión: Se concluye que el rol de los profesionales de enfermería es esencial para reducir riesgos, ofrecer atención centrada en el paciente, brindar orientación en salud y sensibilizar sobre el uso adecuado de opioides a las personas que los usan continuamente para el alivio del dolor agudo o crónico. Este enfoque contribuye significativamente a la protección del paciente y al afrontamiento de la dependencia. La investigación cumplió con su propósito y el objetivo propuesto. Aun así, se refuerza la necesidad de nuevos estudios que profundicen en las prácticas de atención e intervenciones dirigidas a la dependencia de estas sustancias.

KEYWORDS: Opióide. Enfermería. Manejo del dolor. Dependência.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o uso indevido de opióides tem se tornado uma das principais preocupações em saúde pública. “Dependência psicológica é a necessidade de substância psicoativa pelo efeito positivo ou para evitar sintomas de abstinência. O vício é uma síndrome psicológica e comportamental caracterizada pela evidência de dependência com uso aberrante de substância psicoativa, perda de controle e uso compulsivo, apesar dos efeitos adversos. Vício de opioides como uma doença neurobiológica, crônica, primária com fatores genéticos, psicossociais, e fatores ambientais influenciando no desenvolvimento e manifestação” (Nascimento *et al.* 2011). Essa classe de fármacos, amplamente utilizada no manejo da dor aguda e crônica, apresenta elevado potencial de dependência física e psicológica, além do risco aumentado de superdosagem e morte. A crise de opioides, como é denominada em muitos contextos internacionais, evidencia não apenas o impacto dessas substâncias na saúde dos indivíduos, mas também os desafios enfrentados pelos profissionais da saúde na promoção de uso racional e seguro.

A dependência dessas substâncias pode levar a quadros de abstinência, diante disso, a enfermagem desempenha um papel fundamental na administração segura, na avaliação da dor, na identificação de sinais de superdosagem, indícios de dependência e na orientação segura ao paciente e à família. O conhecimento dos mecanismos fisiopatológicos envolvidos nos efeitos adversos e o emprego de estratégias de prevenção e tratamento são fundamentais para o uso racional e seguro dos opioides” (Kraychete et al., 2014, p. 216).

Diante deste cenário, a escolha do tema surgiu a partir das discussões vivenciadas durante a graduação em enfermagem, especialmente nas disciplinas voltadas à farmacologia e ao cuidado em contextos clínicos e hospitalares. A inquietação da autora intensificou-se com a observação prática do uso frequente de opioides em diferentes contextos assistenciais, incluindo o controle da dor aguda e crônica. A partir de buscas realizadas em bases de dados eletrônicas e científicas, identificou-se que, embora os opioides representem um recurso terapêutico amplamente utilizado na assistência à saúde, ainda existem lacunas na produção científica relacionada à atuação da enfermagem frente ao uso racional, monitoramento dos efeitos adversos e educação em saúde sobre esses medicamentos.

Verificou-se, ainda, que a abordagem da enfermagem sobre o uso de opioides exige um olhar multidimensional, envolvendo aspectos clínicos, éticos, educacionais e de segurança do paciente. Apesar da relevância do tema, poucos estudos são encontrados que explorem de forma abrangente o papel da enfermagem na prevenção do uso inadequado, na detecção precoce de sinais de dependência e na promoção de práticas seguras no contexto hospitalar e ambulatorial. Assim, este estudo se justifica pela relevância do tema, pela necessidade de fortalecer o conhecimento e de novas práticas da enfermagem frente aos pacientes dependentes do uso de opioides, visando à prevenção de complicações e à promoção de uma assistência humanizada e segura. O estudo tem por objetivo geral analisar a atuação da enfermagem no manejo da dependência a opioides em pacientes com dor aguda e crônica.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem mista, fundamentada na revisão de literatura visando elaborar um instrumento confiável, baseado em evidências científicas, que possa ser utilizado, posteriormente, por profissionais em suas práticas. Para revisão de Literatura foi conduzido levantamento bibliográfico de artigos científicos publicados nas fontes BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) e BDENF (Base de Dados de Enfermagem). Após a composição das 41 amostras procedeu-se a leitura criteriosa e na íntegra destes artigos, o que favoreceu a organização do processo analítico em etapas, aos quais os critérios de inclusão foram artigos publicados em português e inglês com os resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas, no período compreendido entre 2015 a 2025 cuja metodologia adotada permitisse obter evidências fortes, quanto aos critérios de exclusão foram artigos que apesar de possuir os descritores da pesquisa nos resumos ou títulos, não se enquadram com o objetivo deste estudo, além de artigos não disponibilizados na íntegra e/ou repetidos nas bases consultadas, resultando em 17 artigos.

As variáveis foram classificadas em dependente, independente e qualitativa nominais, como variável dependente foi definida cultura de segurança do paciente ou profissional, entendida como um novo método de pensar e agir em um determinado local diante da ocorrência ou da prevenção de eventos adversos. Como variável independente foi definida atitudes de segurança dos profissionais, neste caso entendida como ações realizadas pelos profissionais que evidenciam a cultura de segurança do paciente no uso de opioides, e como qualitativa nominais reuniu informações acerca do clima de trabalho em equipe, percepção da gestão, comunicação, cultura de segurança, segurança do paciente e trabalho em equipe.

Na revisão de literatura foi construído um quadro com os artigos constituídos por: referência do artigo, delimitação de objetivos do estudo, metodologia e os principais resultados. A construção do quadro síntese permitirá a categorização dos estudos, desta maneira, evidenciará as categorias temáticas para análise:

Por se tratar de uma pesquisa de revisão da literatura, sem envolvimento direto de seres humanos ou coleta de dados primários, não se fez necessária a submissão ao Comitê

de Ética em Pesquisa, conforme estabelece a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Ainda assim, este estudo respeitou os princípios éticos da pesquisa científica, prezando pela fidelidade aos dados apresentados nas fontes consultadas, garantindo o reconhecimento dos autores originais por meio de citações e referências conforme as normas vigentes de padronização (ABNT/NBR 6023:2018).

RESULTADOS

Para análise da pesquisa, os artigos pesquisados possibilitaram identificar se o assunto é questionado e desenvolvido na saúde ao longo dos anos de 2015 a 2025. Os artigos principais selecionados foram organizados no quadro a seguir constituídos por: referência do artigo, delimitação de objetivos do estudo, metodologia e os principais resultados,

Quadro 1 - Distribuição dos artigos segundo revisão de literatura. Salvador, 2025.

REFERÊNCIA DO ARTIGO	DELIMITAÇÃO DE OBJETIVO DE ESTUDO	METODOLOGIA	PRINCIPAIS RESULTADOS
Nascimento, Leonel Alves, et al. Manejo da dor e dificuldades relatadas pela equipe de enfermagem na Administração de opioides. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 13, n. 4, p. 714–720, out./dez. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.5216/ree.v13i4.10432 . Acesso em: 3 maio 2025.	verificar qual a intensidade mínima de dor auto-relatada necessária para que técnicos e auxiliares de enfermagem iniciem a terapêutica analgésica farmacológica, se esses profissionais avaliam a dor no período pós-procedimento, e quais as dificuldades que encontram para a administração de analgésicos.	Trata-se de um estudo quantitativo, exploratório, realizado em um Hospital Universitário de grande porte localizado no norte do Estado do Paraná. Participaram 188 técnicos e auxiliares de enfermagem que Prestavam assistência direta aos pacientes nas unidades de internação médico-cirúrgicas, pronto-socorro e unidade de tratamento de queimados. A coleta de dados foi realizada por meio de um instrumento semiestruturado, contendo perguntas abertas e fechadas, aplicado por acadêmicos de enfermagem previamente treinados.	58,4% dos profissionais iniciam a administração de analgésicos ao relato de dor leve (1 a 3); 39% iniciam com dor moderada (5 a 7); 2,6% só iniciam com dor intensa (8 a 10); 65% citaram ausência de prescrição médica como principal dificuldade para administrar analgésicos; 76% relataram medo da dependência como maior dificuldade no uso de opioides; 85% afirmaram que avaliam a dor após a administração da medicação.
KRAYCHETE, Durval Campos et al. Recomendações para uso de opioides no Brasil: Parte IV. Efeitos adversos de opioides. Revista Dor, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 251–255, jul./set. 2014	Discutir as ações para a monitoração, diagnóstico e tratamento dos efeitos adversos comuns dos opioides, incluindo abuso e dependência química	Revisão narrativa baseada em literatura científica e recomendações clínicas, elaborada por especialistas da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor (SBED).	Identificação de diversos efeitos adversos associados ao uso de opioides, como constipação, náuseas, vômitos, depressão respiratória, sedação, tolerância, hiperalgesia, alterações hormonais, distúrbios do sono, prurido, abuso e dependência química. O artigo enfatiza a importância da monitoração adequada e do tratamento desses efeitos para evitar a interrupção da terapêutica.
NASCIMENTO, Daiana Ciléa Honorato; SAKATA,	O objetivo deste estudo foi rever o uso de opioides em	A metodologia do estudo envolveu uma revisão de	Efeitos adversos dos opioides: Constipação, retenção

Rioko Kimiko. Dependência de opioide em pacientes com dor crônica. Revista Dor, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 160-165, abr.-jun. 2011.	pacientes com dor crônica não oncológica.	literatura sobre os principais estudos e pesquisas a respeito do uso de opioides. Além disso, foram analisados casos clínicos e dados provenientes de hospitais universitários, com foco na prática clínica, efeitos adversos e desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na administração dos opioides.	urinária, sedação excessiva, distúrbios do sono e depressão respiratória foram identificados como os principais efeitos adversos. Dependência e tolerância: A pesquisa revelou que a dependência pode ser um risco significativo com o uso prolongado de opioides, e que a tolerância ao medicamento pode levar a uma necessidade crescente de dosagem, exacerbando os efeitos adversos. Hiperalgisia: O estudo indicou que o uso contínuo de opioides pode induzir hiperalgisia, ou seja, aumento da percepção da dor, o que pode complicar o manejo da dor. Recomendações clínicas: A pesquisa sugeriu práticas recomendadas para o uso de opioides, incluindo avaliações constantes da dor, ajustes na dosagem e vigilância para sinais de dependência e efeitos adversos
MAIA, Lucas O et al. Uso, regulamentação e danos de opioides no Brasil: uma visão narrativa abrangente dos dados e indicadores disponíveis. Journal of Substance Use, [S.l.], v. 25, p. 1-13, 2021. DOI: 10.1080/14659891.2021.1935894.	O objetivo do estudo foi identificar e resumir os dados e indicadores sobre a disponibilidade e o uso de opioides, regulamentação e controle, e os resultados de danos (como mortalidade e morbidade) no Brasil desde o ano 2000. A pesquisa buscou também entender o contexto de uso de opioides no país, em comparação com outras regiões, especialmente na América Latina, e como as políticas e regulamentações impactam esse consumo.	A pesquisa foi conduzida com base em buscas realizadas em vários bancos de dados científicos (MEDLINE, Web of Science, Scopus, Embase, CINAHL, LILACS, SciELO) para identificar publicações relevantes de 2000 a 2020. A metodologia incluiu a busca de "literatura cinza" (relatórios, estudos técnicos, entre outros), além de dados de indicadores para um entendimento abrangente. A seleção das publicações foi feita com a análise de títulos e resumos e com a consulta aos coautores em caso de ambiguidade. A abordagem foi narrativa, não sistemática, com o foco em reunir informações de diversas fontes para criar uma visão geral.	O uso de opioides no Brasil é significativamente mais baixo em comparação com países de alta renda, como os EUA e o Canadá, que enfrentam crises relacionadas ao consumo e aos danos dos opioides. No Brasil, o consumo aumentou desde 2000, mas ainda é moderado. A codeína é o opioide mais prescrito, principalmente para condições agudas, enquanto analgésicos não opioides são mais usados no tratamento da dor. A dor crônica é prevalente, mas o tratamento é inadequado, com muitas pessoas recorrendo à automedicação. Barreiras regulatórias, custos elevados e falta de treinamento médico contribuem para o uso limitado de opioides. Embora o uso não médico de opioides esteja crescendo, é menor do que na América do Norte, onde o uso de opioides ilícitos é mais comum. O Brasil carece de dados sistemáticos sobre o uso de opioides, dificultando a criação de políticas eficazes para o tratamento da dor, o que destaca a necessidade de um equilíbrio entre o acesso ao alívio da dor e a prevenção de danos.
KRELING, Maria Clara Giorio Dutra; MATTOS-PIMENTA, Cibele Andrucio de.	Identificar a prevalência de pacientes com suspeita de uso de drogas conforme opinião de profissionais de enfermagem e	Estudo transversal com 507 pacientes e 199 profissionais de enfermagem responsáveis	A prevalência de pacientes suspeitos foi 6,7%. A razão de prevalência de administração de analgésicos opioides "se

Administração de analgésicos opioides em pacientes com suspeita de uso de drogas. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 70, n. 3, p. 626-632, 2017. DOI: 10.1590/0034-7167-2016-0501.	comparar a conduta desses profissionais na administração de opioides quando há ou não suspeita de que o paciente seja usuário de drogas.	pela administração de medicamentos a esses pacientes. Para as análises foram utilizados os testes de Qui-Quadrado, Exato de Fisher e um nível de significância de 5%	necessário” é duas vezes maior entre os pacientes suspeitos em relação aos não suspeitos (p=0,037).
CADORIN, Karina; COGO, Ana Luísa Petersen. Validação de vídeos educativos sobre manejo da dor e prevenção da adição por opioides. J. Nurs. Health, v. 14, n. 2, p. e1425597, 2024.	validar vídeos educativos para os profissionais de Enfermagem sobre avaliação e manejo da dor em adultos, assim como risco de adição por opioides.	estudo metodológico, realizado nos anos de 2020 e 2021, agregando as técnicas de design instrucional e validação de conteúdo por especialistas e usuários, com avaliação por meio do Índice de Validade de Conteúdo Total, considerando válido valor igual ou superior a 0,78.	o vídeo 1 foi ‘Avaliação da dor’ e o vídeo 2 ‘Tratamento da dor e prevenção da edição a opioides’, com índices dos especialistas de 0,89 e 0,97, e dos usuários de 0,95 e 0,98, respectivamente.
PIOVEZAN, Marcelo et al. Uso e prescrição de opioides no Brasil: revisão integrativa. Revista Brasileira de Enfermagem, 2024.	O objetivo deste estudo foi conhecer, por meio de revisão literária, o padrão de consumo de analgésicos opioides no Brasil.	Revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados Pubmed, BVS e Scielo, no período de 30 de agosto a 22 de outubro de 2020. A estratégia de busca incluiu os termos “Transtornos relacionados ao uso de opioides” ou “Epidemia de opioides” ou “Analgésicos opioides” e “Brasil”. Critérios de inclusão: publicação nos últimos cinco anos; estudos em humanos. Critérios de exclusão: estudos não relacionados ao objetivo desta revisão; cartas, editoriais, comentários e estudos secundários.	Os resultados mostraram a insatisfação dos pacientes com o manejo da dor quando comparados a pacientes de países desenvolvidos, a falta de conhecimento e de políticas públicas adequadas sobre o uso de opioides entre os profissionais de saúde faz com que estes vejam os opioides como a última alternativa de tratamento. A prática da automedicação analgésica é frequente em pacientes com doenças crônicas, o que pode ser a causa da baixa prescrição de analgésicos opioides pelos profissionais de saúde.
COLUZZI, Flaminia; TAYLOR Jr., et al. Guia de boas práticas clínicas para opioides no tratamento da dor: os três Ts – titulação (teste), ajustes (individualização), transição (redução gradual). Revista Brasileira de Anestesiologia, São Paulo, v. 66, n. 3, p. 310–317, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rba/a/Kvdp3wckHnmwmTst5zfsqGf/ . Acesso em: 3 maio 2025.1Library	Uma boa prática clínica com o uso de opioides como parte de um regime abrangente de tratamento da dor pode enfrentar desafios significativos. Apesar das diretrizes provenientes de sociedades/organizações não governamentais para o manejo da dor, ainda existem obstáculos significativos. A revisão de alguns princípios básicos da analgesia com opioide com base na experiência e no Conhecimento das publicações atuais sobre esse cuidado importante da saúde é justificável.	A metodologia do estudo envolve uma revisão da literatura sobre o uso de opioides no tratamento da dor, focando em três etapas principais: titulação, ajuste e transição. A titulação consiste em iniciar com doses baixas e ajustar gradualmente para minimizar efeitos adversos. O ajuste é feito conforme as necessidades individuais do paciente, considerando fatores físicos e psicológicos. A transição refere-se à redução gradual dos opioides quando necessário, evitando efeitos negativos. O estudo baseia-se em diretrizes clínicas e experiências publicadas para otimizar a eficácia e segurança do tratamento com opioides.	Os resultados do estudo indicam que a abordagem dos três Ts (titulação, ajuste e transição) é eficaz para o manejo da dor com opioides, proporcionando um equilíbrio entre controle da dor e minimização de efeitos adversos. A titulação adequada, com doses iniciais baixas e aumento gradual, permite uma adaptação mais segura ao opioide. O ajuste personalizado leva em conta as características individuais de cada paciente, como fatores físicos, psicológicos e culturais, melhorando a eficácia do tratamento. A transição gradual para a redução de opioides evita complicações associadas à descontinuação abrupta. A aplicação dessas etapas, aliada a boas práticas clínicas, contribui para resultados positivos no controle da dor, com menores riscos de abuso, overdose e efeitos colaterais.
Owens RA, Smalling M, et al. Saúde mental,	descrever as principais estratégias para abordar lacunas	trata-se de uma revisão narrativa, a partir de artigos	a prevalência de uso concomitante de substâncias

<p>transtorno por uso de substâncias e transtorno por uso de opioides: atualizações e estratégias de tratamento. SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.2021 jul.-set.;17(3):88-100 DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.187412www.w.revistas.usp.br/smad/</p>	<p>na identificação, tratamento e treinamento sobre saúde mental, transtorno do uso de substâncias (TUS) e transtorno do uso de opioides (TUO).</p>	<p>recentes e de publicações de instituições que abordam a temática da saúde mental e da dependência química reconhecidas internacionalmente.</p>	<p>e transtornos psiquiátricos/de saúde mental tem sido elevada e continua crescente, compondo problemas complexos que implica em desafios de tratamento multifacetados, incluindo condições médicas, deficiências, falta de moradia, abandono de medicamentos e altas taxas de recaída. O tratamento de TUE's e TWO 's são questões individualmente complexas. A combinação dos dois transtornos requer uma abordagem de diagnóstico e tratamento dedicada e multifacetada</p>
<p>Sara Rodríguez-Espinosa, Ainhoa Coloma-Carmona, et al. Tolerância, sintomas de abstinência entre doses e desejo predizem a gravidade do transtorno por uso de opioides prescritos em pacientes com dor crônica: um estudo prospectivo de três ondas, Pesquisa em Psiquiatria, Volume 342, 2024, 116241, ISSN 0165-1781, https://doi.org/10.1016/j.psychres.2024.116241.</p>	<p>analisar o poder preditivo da tolerância, dos sintomas de abstinência e do desejo na gravidade do TDO em pacientes com dor crônica em tratamento de opioides de longo prazo por um período de 12 meses.</p>	<p>Os participantes foram recrutados a partir de uma amostra de conveniência na Unidade de Dor do Hospital Geral Universitário de Elche (Espanha). Os critérios de inclusão foram: ter mais de 18 anos, ter diagnóstico de dor crônica não oncológica (≥ 6 meses) e estar em tratamento com opioides de longa duração (≥ 90 dias) na avaliação inicial e durante todo o período de acompanhamento. Os critérios de exclusão incluíram transtornos psiquiátricos graves, doenças neurodegenerativas ou incapacidade de fornecer dados de autorrelato. A amostra foi composta por 62 pacientes, 66,1% (n = 41) dos quais eram do sexo feminino, com média de idade de 57,62 (DP = 11,20) anos. As características clínicas e psicológicas da amostra são apresentadas na Tabela Suplementar S1.</p>	<p>Na avaliação inicial, 64,5% (n = 40) dos pacientes com dor crônica não atendiam aos critérios de POUND, enquanto 19,4% (n = 12) apresentaram POUND leve e 16,1% (n = 10) de moderada a grave. No acompanhamento de 6 meses, as taxas de POUND moderada a grave quase dobraram (30,6%, n = 19), permanecendo estáveis no acompanhamento de 12 meses. Os modelos não ajustados e ajustados por covariáveis para prever a gravidade do POUND são apresentados na Tabela 1 e na Tabela 2, respectivamente. As análises de sensibilidade são apresentadas na Tabela Suplementar S2, indicando que não há redundância significativa no critério de desejo por POUND.</p>
<p>NAJIB, Ulmer et al. Posição da AAN – Opioides. Neurology, [s. l.], v. 104, n. 9, p. e213544, 13 maio de 2025. Disponível em: https://www.neurology.org. Acesso em: 3 maio 2025. DOI: https://doi.org/10.1212/WNL.000000000000213544.</p>	<p>O artigo tem como objetivo apresentar a posição oficial da Academia Americana de Neurologia (AAN) sobre o uso de opioides, defendendo práticas seguras de prescrição, alternativas não opioides para o manejo da dor e ações de saúde pública para reduzir mortes por overdose, especialmente em populações vulneráveis.</p>	<p>Trata-se de um documento institucional baseado em revisão de literatura científica, dados epidemiológicos recentes sobre o uso de opioides, atualização da política da AAN de 2018 e consultas com comitês internos da Academia. O documento foi aprovado por especialistas em políticas de saúde, economia médica, diversidade, qualidade e ciência clínica, sendo considerado um posicionamento oficial da entidade.</p>	<p>O artigo destaca que em 2022 cerca de 8,5 milhões de pessoas nos EUA usaram opioides de forma indevida, resultando em mais de 73 mil mortes por opioides sintéticos. Houve aumento preocupante de mortalidade por opioides em populações negras (+44%) e indígenas (+39%) entre 2019 e 2020. Neurologistas estão entre os 20 principais prescritores de opioides nos Estados Unidos, embora haja evidências limitadas que sustentam o uso de opioides para dor crônica, principalmente a dor neuropática. O uso prolongado pode inclusive agravar</p>

			<p>condições como enxaqueca e retardar a recuperação neurológica em casos de trauma. A AAN reforça que os opioides devem ser usados com cautela, preferencialmente apenas em cuidados paliativos e situações específicas. Defende ainda o financiamento de pesquisas com terapias alternativas, ampliação de sistemas de monitoramento eletrônico de prescrições, e capacitação continuada dos profissionais de saúde. O documento conclui que o uso responsável de opioides deve fazer parte de uma estratégia ampla de saúde pública e justiça social.</p>
<p>WORLD HEALTH ORGANIZATION. Overdose de opioides. World Health Organization. [2023]. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/opioid-overdose</p>	<p>Analisar o panorama global de Overdose por opioides, destacando os principais fatores de risco, substâncias envolvidas, consequências para a saúde pública e estratégias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para prevenção e resposta a esse problema crescente.</p>	<p>Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa, baseada na análise documental, da ficha informativa oficial, disponibilizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sobre overdose por opioides. O material foi analisado de forma descritiva, com ênfase em estatísticas globais, medidas e propostas preventivas e diretrizes clínicas, para o manejo de casos de overdose.</p>	<p>A ficha técnica da OMS revela que a overdose por opioides é um problema de saúde pública, sendo responsável em mortes por drogas no mundo, das quais são causadas especificamente por opioides sintéticos potentes, como o fentanil. Os principais fatores de risco incluem o uso inadequado de opioides prescritos, acesso não regulamentado a substâncias ilícitas e falhas nos sistemas de saúde em prover tratamento para transtornos por uso de substâncias. A OMS destaca intervenções essenciais como a ampliação do acesso à naloxona, medicamento que reverte os efeitos da overdose, treinamentos para primeiros socorros, apoio psicossocial e políticas públicas de redução de danos. O fortalecimento dos sistemas de monitoramento, prescrição responsável e acesso ao tratamento com agonistas opioides, como a metadona e a buprenorfina, também é apontado como fundamental.</p>
<p>Ana Gabriela Poppe Gicovate 1. et al Crise dos opioides e gerenciamento eficaz de sua dependência: Uma revisão bibliográfica. Rev. Ciente. Fac. Med. Campos, v. 18, n. 1, p. 32-37, jan./jun. 2023 doi: 10.29184/1980-7813.rcfmc.557.vol.18.n1.2023</p>	<p>evidenciar os mecanismos fisiológicos e farmacológicos relacionados à síndrome de retirada e possíveis alternativas terapêuticas para minimizar a incidência e os efeitos deste quadro, bem como aspectos históricos, sociais e econômicos implicados no desenvolvimento da atual crise dos opioides, tendo como finalidade a conscientização geral para melhorias da perspectiva social e médica sobre o uso abusivo de fármacos opioides.</p>	<p>Este estudo teve como base o monitoramento da dependência do uso de opioides como medicamentos para alívio da dor e o papel do mercado na sua disseminação. Foram utilizadas as bases de dados Google Acadêmico, Pubmed e livros durante o intervalo de junho a agosto de 2021. Foram incluídos artigos que abordam o assunto em questão de acordo com as definições de dependência pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). Foram localizados 184</p>	<p>Após leitura e análise dos artigos mencionados, conclui-se que a crise dos opioides se deve à sua prescrição banalizada, nos casos moderados e falta de controle nos casos de opioides mais fortes (prescritos para dores crônicas), uma vez que o uso de tais medicamentos requer conduta alerta e fiscalizadora tanto na hora de prescrever, com recomendação prévia de atenção ao uso e seus sintomas, a fim de que não se converta ao uso comum, bem como de coordenação das dosagens mais fortes, orientando o seu desmame</p>

		artigos, sendo excluídos 170 por não se adequarem aos critérios de inclusão propostos por esta revisão. Dessa forma, foram selecionados e analisados 14 artigos para constituição deste trabalho.	e/ou substituição eventual, por remédios menos nocivos e ainda por alternativas mais naturais, como a implementação de hábitos mais saudáveis e exercícios físicos. No tratamento, destacam-se metadona, buprenorfina, naloxona e naltrexona. No Brasil, o uso começou de forma moderada, mas cresceu com a prescrição indiscriminada de fármacos como codeína. O estudo alerta para a necessidade de maior controle na prescrição, vigilância da comercialização e atuação ética dos profissionais de saúde.
Bobbi Jo H. Yarborough. et al. Impacto das reduções de dose de opioides na saúde mental relatada pelo paciente e no comportamento relacionado ao suicídio e relação com a escolha do paciente nas decisões de redução gradual. The Journal of Pain, Vol 25, No. 4 (April), 2024: pp 1094–1105	Este estudo descreve a deterioração da saúde mental relatada pelo paciente ou comportamento suicida durante a redução gradual de opioides prescritos. Os médicos devem rastrear, monitorar e tratar o comportamento suicida enquanto auxiliam os pacientes na redução gradual de opioides.	A pesquisa foi conduzida por meio de um estudo qualitativo, utilizando métodos mistos, com 176 pacientes com histórico de redução de opioides entre 2016 e 2020 e 16 familiares de pacientes que morreram por suicídio após esse processo. A seleção da amostra foi feita com sobreamostragem de pessoas com registros de tentativas de suicídio, a fim de aprofundar a análise de casos de maior risco. Os participantes tinham entre 18 e 70 anos e foram recrutados em seis sistemas de saúde dos Estados Unidos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas telefônicas semiestruturadas, com duração de 40 a 60 minutos, nas quais foram abordadas questões sobre saúde mental, comportamento suicida e o grau de envolvimento dos pacientes na decisão de desprescrição. A análise dos dados foi feita com base na análise temática, utilizando o software Atlas.ti para codificação e organização do conteúdo.	Os participantes do estudo incluíram 176 pacientes e 16 familiares. Os pacientes eram 68% mulheres, 80% brancos e 15% hispânicos, com idade média de 58 anos. Todos os familiares eram esposas de falecidos homens brancos e não hispânicos. Entre o subgrupo (n = 60) que sofreu uma tentativa de suicídio documentada, relatou ter experimentado ideação suicida durante a redução gradual, ou eram membros da família de falecidos por suicídio, 40% relataram que a redução gradual de opioides exacerbou problemas de saúde mental previamente reconhecidos, e 25% relataram que a redução gradual desencadeou novos problemas de saúde mental. Entre os participantes com comportamento suicida, 47% atribuíram-no diretamente à redução gradual de opioides.
JEFFERY, Molly Moore et al. Vias da dor aguda: protocolo para um estudo de coorte prospectivo. BMJ Open, [s.l.], v. 12, n. 7, e 058782, 5 jul. 2022. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9258513 . Acesso em: 3 Maio 2025. DOI: 10.1136/bmjopen-2021-058782.	é determinar e descrever as trajetórias de dor experimentadas por um grupo diverso de pacientes sem tratamento prévio com opioides, aos quais é prescrito um analgésico opioide para dor aguda. Utilizando uma plataforma digital de agregação de dados centrada no paciente e baseada em saúde, pretendemos caracterizar os padrões de uso de opioides e outros analgésicos	A metodologia do estudo é do tipo coorte prospectiva, observacional e quantitativa, com o objetivo de acompanhar adultos com dor aguda recém-tratada com opioides, mas que nunca haviam usado esse tipo de medicamento anteriormente. Os Participantes foram recrutados em diversos contextos de atendimento (consultórios, clínicas, pronto-socorro,	Como este artigo tem caráter metodológico, os autores não apresentam os resultados finais da pesquisa, mas descrevem os objetivos centrais que serão analisados a partir dos dados coletados. Os resultados esperados incluem a descrição da duração do uso de opioides após a prescrição inicial, os fatores associados à transição de dor aguda para dor crônica, os padrões de uso e descarte de opioides, o impacto dos opioides na

		odontologia, entre outros), totalizando 1.518 pessoas. A coleta de dados foi realizada por meio de uma plataforma digital chamada Hugo, que integrou informações autorrelatadas dos participantes, dados de prontuários eletrônicos, registros de farmácias e dispositivos de monitoramento físico como o Fitbit. Os participantes responderam a questionários diários, semanais e mensais durante um período de 180 dias, fornecendo informações sobre uso de opioides e outros medicamentos, intensidade e localização da dor, qualidade do sono, níveis de humor e atividade física. Também foram coletados dados sobre o descarte de sobras de opioides e sobre como os participantes lidaram com a medicação restante.	qualidade de vida (sono, humor, atividade física), além de avaliar possíveis sinais de uso inadequado. Espera-se, com isso, gerar subsídios para orientar práticas clínicas mais seguras e efetivas no manejo da dor aguda, evitando o uso prolongado ou problemático de opioides.
Lões de Kleijn et al. Explorando os facilitadores e as barreiras na de prescrição de opioides para tratamento da dor não oncológica vivenciada por médicos generalistas: um estudo qualitativo Wiley online library. https://doi.org/10.1002/ejp.2243 30 de janeiro de 2024	explorar facilitadores e barreiras na de prescrição de opioides entre médicos generalistas na Holanda. Além disso, este estudo visa identificar possibilidades de melhoria na desprescrição de opioides na atenção primária.	Discussões em grupo focal com médicos generalistas holandeses foram conduzidas por dois moderadores qualificados. As discussões em grupo focal foram transcritas na íntegra e analisadas utilizando o software MAXQDA. Três revisores independentes buscaram temas abrangentes utilizando análise temática com abordagem indutiva. As discussões foram organizadas até a saturação dos dados.	Vinte e dois médicos generalistas participaram de quatro discussões em grupo focal. Cinco temas principais emergiram dos dados: (1) cuidado centrado no paciente; (2) garantia do manejo adequado da dor; (3) dilemas e dificuldades no tratamento do transtorno por uso de opioides; (4) a lacuna de competências; (5) necessidades e possibilidades para aprimorar a de prescrição de opioides na atenção primária. O primeiro tema aborda os principais facilitadores da redução gradual do uso de opioides. Os três temas seguintes emergiram como principais barreiras à de prescrição de opioides
WEBSTER, Fiona et al. Uma etnografia do manejo da dor crônica na atenção primária: a organização social do trabalho dos médicos em meio à crise dos opioides. PLOS ONE, [s.l.], v. 14, n. 5, e0215148, 1 maio 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0215148 . Acesso em: 3 maio 2025.	Explorar as experiências e desafios enfrentados por médicos de atenção primária ao tratar pacientes com dor crônica, especialmente no contexto da crise dos opioides. O estudo foca na organização social do trabalho desses profissionais de saúde e como eles lidam com o manejo da dor crônica em meio a questões como desigualdades sociais, pobreza, saúde mental e dependência de substâncias. O estudo busca entender os impactos do sistema de saúde e a estrutura do trabalho dos médicos sobre a qualidade do cuidado prestado e as	Nossa equipe realizou uma abordagem etnográfica conhecida como etnografia institucional na província de Ontário, Canadá, a fim de explorar a organização social do manejo da dor crônica sob a perspectiva de médicos de atenção primária. Este artigo relata um subconjunto de dados deste estudo, especificamente entrevistas com 19 médicos de atenção primária e 8 enfermeiros, complementadas por 40 horas de observações. Os médicos da nossa amostra	Em suas reflexões sobre o atendimento a pacientes com dor crônica, muitos profissionais descrevem como seus maiores desafios o trabalho de ajudar pacientes que também lutavam contra a pobreza, a saúde mental e o vício. Essas frustrações eram frequentemente agravadas pela preocupação de perder a licença por prescrição inadequada, transferindo assim seu trabalho de fornecer tratamento e assistência para o policiamento de seus pacientes por simulação de doença e abuso de opioides.

	dificuldades enfrentadas no tratamento de pacientes em situações vulneráveis.	eram, em sua maioria, médicos de atenção primária e enfermeiros que trabalhavam em áreas urbanas, rurais e do Norte.	
--	---	--	--

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados bibliográficos (2025).

A construção do quadro apresentado sobre as principais reações adversas ao uso de opioides, associada às intervenções de enfermagem, mostra-se de extrema importância por diversos motivos, especialmente quando relacionada aos achados dos artigos selecionados. Primeiramente, o estudo revela que a maioria dos profissionais de enfermagem inicia a analgesia ainda diante de relatos de dor leve, o que demonstra uma boa sensibilidade assistencial. No entanto, 76% relatam medo da dependência como barreira no uso de opióides, evidenciando falta de segurança e conhecimento técnico quanto às ações e efeitos desses fármacos, o que pode comprometer o cuidado.

Dessa forma, o quadro proposta funciona como uma ferramenta educativa e prática, pois:

- Organiza, de forma objetiva e acessível, as reações adversas mais frequentes ao uso de opioides;
- Relaciona essas reações com as categorias fisiológicas afetadas, facilitando a compreensão clínica;
- Inclui intervenções de enfermagem específicas, promovendo ações seguras, baseadas em evidências, voltadas à prevenção e manejo das complicações;
- Auxilia na padronização do cuidado, especialmente para técnicos e auxiliares de enfermagem, que são o público-alvo do estudo citado;
- Pode ser utilizada em capacitações, protocolos institucionais ou fluxogramas de analgesia, ajudando a suprir a carência de preparo mencionada pelos profissionais.

Portanto, o quadro não apenas complementa o conhecimento científico, como também atua na transformação da prática assistencial, empoderando os profissionais da enfermagem frente ao uso racional e seguro dos opióides — o que é coerente com os princípios da educação permanente em saúde e com os desafios apontados no estudo.

Aproximadamente 90% dos pacientes com dor crônica receberam opioides 1 , inclusive aqueles que possuem indicação do manuseio da dor através de técnicas intervencionistas. (Kraychete, *et al.*, 2014).

Os opioides são amplamente utilizados no manejo da dor aguda e crônica, mas seu uso está associado a diversos efeitos adversos que afetam múltiplos sistemas do organismo. No trato gastrointestinal, a constipação é um dos efeitos colaterais mais prevalentes, resultante da inibição da motilidade intestinal. No sistema urinário, a retenção udevidorinária pode ocorrer devido à ação dos opióides sobre os centros de micção e o aumento do tônus do esfíncter uretral. Os efeitos cardiovasculares incluem principalmente hipotensão e bradicardia, frequentemente mediadas pela liberação de histamina e ação nos barorreceptores. Em relação ao sistema imunológico, estudos demonstram que o uso prolongado de opióides pode comprometer a resposta imune, favorecendo infecções. No sistema endócrino, é comum o desenvolvimento de hipogonadismo induzido por opioides, com manifestações como fadiga, disfunção sexual e alterações hormonais.

A sedação é um sintoma frequente, especialmente no início do tratamento, e há evidências de que os opioides interferem negativamente na arquitetura do sono, prejudicando os estágios REM (Rapid Eye Movement – movimento rápido dos olhos) e profundo. Além disso, comprometem a atividade psicomotora, o que aumenta o risco de quedas, sobretudo em idosos. A depressão respiratória é considerada o efeito adverso mais grave, devido à supressão da resposta ventilatória ao dióxido de carbono nos centros respiratórios do tronco cerebral. Outro problema significativo é o desenvolvimento de tolerância, exigindo doses progressivamente maiores para manter o efeito analgésico. Em casos mais complexos, pode ocorrer a hiperalgesia induzida por opioides, uma condição paradoxal em que o paciente se torna mais sensível à dor (Benyamin, R. *et al.*, 2008)

Quadro 1 – Efeitos adversos dos opioides, estratégias de manejo e intervenções de enfermagem no contexto brasileiro.

Sistema Afetado	Reações Adversas Comuns	Estratégias de Manejo	Intervenções de Enfermagem	Referências
Gastrointestinal	Constipação, êmese.	Administração de laxativos, melhora da hidratação, oferta de fibras na dieta.	Avaliar hábitos intestinais, orientar dieta, estimular mobilidade, administrar laxativos prescritos.	Benyamin et al., 2008; Kraychete et al., 2014

Urinário	Retenção urinária.	Melhora da hidratação, oferta de líquidos na dieta e administração de diuréticos.	Controlar diurese, estimular micção, avaliar distensão vesical, comunicar alterações	Benyamin et al., 2008
Cardiovascular	Hipotensão e bradicardia,	utilização da posição de trendelenburg, hidratação venosa com solução salinizada, Ajuste de dose conforme sinais vitais	Controlar sinais vitais, garantir segurança do paciente, comunicar alterações.	Benyamin et al., 2008
Imunológico	Imunossupressão e infecções.	Prevenção de infecções com medidas de higiene	Observar sinais clínicos de infecção, orientar higiene, educar paciente	Benyamin et al., 2008
Endócrino	Hipogonadismo, disfunção sexual, fadiga	Acompanhamento Especializado	Acolher, orientar sobre alterações, encaminhar a especialista	Benyamin et al., 2008
Sistema Nervoso	Comprometimento das atividades psicomotoras, mioclonia, arquitetura do sono, náuseas, risco de quedas, sedação e prejuízo cognitivo.	Avaliação Clínica e controle de dose	Avaliar nível de consciência, orientar paciente e família, garantir segurança	Benyamin et al., 2008; Kraychete et al., 2014
Respiratório	Depressão Respiratória	Monitoramento Intensivo e suporte ventilatório	Controlar FR e SpO ₂ , oferecer oxigênio, acionar equipe de emergência se necessário	Kraychete et al., 2014
Tolerância e hiperalgesia	Necessidade de doses maiores, aumento da dor	Revisão terapêutica contínua	Avaliar padrão da dor, registrar evolução, sugerir ajuste terapêutico	Nascimento & Sakata, 2011
Dependência e abuso	Uso compulsivo, manipulação de prescrição	Abordagem multidisciplinar	Observar sinais de dependência, acolher paciente, comunicar equipe	Nascimento & Sakata, 2011 Kreling & Mattos-Pimenta, 2017

A construção deste quadro tem como objetivo organizar de forma clara e didática os principais efeitos adversos dos opioides e as intervenções específicas de enfermagem relacionadas a cada um deles. Essa organização visual facilita a compreensão e a consulta rápida pelos profissionais de enfermagem, que são responsáveis pelo cuidado direto ao paciente em uso desses medicamentos. A tabela contribui para padronizar as ações de enfermagem, promovendo a segurança do paciente por meio do reconhecimento precoce dos efeitos e da aplicação de intervenções adequadas. Além disso, serve como ferramenta educativa para enfermeiros, técnicos e estudantes, fortalecendo o conhecimento necessário para a administração segura dos opiáceos. Dessa forma, a tabela apoia a tomada de decisão clínica, priorizando cuidados que previnem complicações graves, como depressão respiratória, constipação e náuseas, o que melhora os resultados do cuidado e a qualidade de vida dos pacientes.

Levando em consideração a observação contínua, a enfermagem muitas das vezes é a classe profissional que passa mais tempo com o paciente, o que favorece a identificação precoce de mudanças sutis no comportamento, sinais e sintomas

apresentados pelos pacientes durante o tratamento com uso de opióides.

A identificação precoce dos efeitos adversos dos opióides, assim como seu adequado manejo, é essencial para garantir a continuidade e a efetividade do tratamento da dor, minimizando riscos como a interrupção da terapêutica, a piora do quadro doloroso e o desenvolvimento de dependência química” (Kraychete et al., 2014, p. 252).

É imprescindível que os profissionais de saúde realizem uma monitorização rigorosa dos pacientes que utilizam opióides, considerando os riscos de dependência, hiperalgesia e outros efeitos adversos, a fim de ajustar o tratamento de acordo com as necessidades e condições individuais” (Kraychete et al., 2014, p. 220).

O manejo adequado dos efeitos adversos dos opioides deve incluir a implementação de estratégias para o diagnóstico precoce e tratamento desses efeitos, incluindo medidas preventivas para evitar a dependência e o abuso de substâncias, com acompanhamento constante da evolução clínica do paciente” (Kraychete et al., 2014, p. 221). As educações em saúde quanto ao uso desses fármacos devem ser individualizadas, considerando idade, escolaridade e contexto socioeconômico. Assim que prescrito o uso dos opioides, devem ser elaboradas orientações seguras quanto ao uso, visando explicar o risco da automedicação, a importância de seguir corretamente a prescrição médica, e ajustes em conjunto com a equipe multidisciplinar sempre que houver necessidade, levando a um cuidado humanizado e centrado nas necessidades de cada paciente.

É fundamental que os profissionais de saúde estejam atentos aos sinais de efeitos adversos comuns dos opioides, como constipação e depressão respiratória, e que implementem estratégias eficazes para mitigar esses efeitos, a fim de garantir a continuidade do tratamento e a segurança do paciente” (Kraychete et al., 2014, p. 217).

É essencial que os profissionais de saúde estejam constantemente vigilantes e atentos aos efeitos adversos dos opioides, como a constipação e a depressão respiratória, que são comuns em pacientes em uso desses medicamentos. A monitoração adequada e a implementação de intervenções eficazes são fundamentais não apenas para minimizar os riscos à saúde, mas também para garantir a continuidade do tratamento, prevenindo a interrupção da terapêutica devido a complicações. Esse cuidado adequado possibilita que os benefícios do uso de opioides sejam alcançados de forma segura, melhorando a

qualidade de vida do paciente sem comprometer sua segurança.

Em tratamento de pacientes com dor crônica não oncológica, é fundamental compreender o uso de opióides com responsabilidade e cuidado. Embora esses medicamentos sejam essenciais para o alívio da dor, seu uso prolongado traz riscos significativos, como a dependência. A dependência de opióides é um problema complexo e desafiador, não apenas para os pacientes, mas também para os profissionais de saúde. Ela se manifesta por comportamentos compulsivos em busca da substância, mesmo diante de consequências negativas para a saúde. A combinação de fatores como histórico pessoal de abuso de substâncias, condições psiquiátricas, e o uso inadequado dos medicamentos pode aumentar o risco de dependência.

Por isso, a avaliação cuidadosa do paciente é essencial. Precisamos estar atentos aos sinais de abuso, como a manipulação do médico para obter prescrições extras ou a procura por diferentes fontes de opióides. Estratégias de tratamento incluem não apenas o controle rigoroso da dosagem e o uso de opióides de ação prolongada, mas também a implementação de terapias alternativas e multidisciplinares. A educação dos pacientes sobre os riscos do uso prolongado e a constante monitorização são cruciais para reduzir os danos e promover um tratamento eficaz, equilibrando o controle da dor com a prevenção da dependência.

De acordo com Nascimento e Sakata (2011, p. 163): “O acompanhamento psicológico, além do uso de terapias alternativas, como a fisioterapia, são recomendados para os pacientes que utilizam opioides a longo prazo, visando minimizar os efeitos colaterais e melhorar a qualidade de vida. A codeína e a morfina estão incluídas na lista nacional de medicamentos essenciais utilizados no sistema público de saúde e, consequentemente, constituem a maioria das prescrições de opióides dispensadas” (Maia et al., 2021, p. 8).

Entre 126 enfermeiros de um centro de oncologia no Rio de Janeiro/RJ, metade (48%) acreditava que os opioides prejudicam os pacientes, enquanto a crença de que os opióides não causam danos (52%) estava associada ao conhecimento adequado sobre o manejo da dor oncológica” (Maia et al., 2021, p. 9).

A discussão sobre o uso de opióides no Brasil revela contrastes significativos em

relação aos países de alta renda, especialmente na América do Norte, onde o consumo e os danos relacionados ao uso de opióides são muito mais elevados. Embora o Brasil tenha visto um aumento no consumo de opióides desde 2000, esse aumento foi modesto, e os níveis de consumo ainda são relativamente baixos em comparação com países como os Estados Unidos e o Canadá. A codeína continua sendo o opióide mais comum no Brasil, e embora analgésicos mais fortes, como a oxicodona, estejam se tornando mais comuns, a utilização desses medicamentos permanece restrita. O contexto brasileiro de utilização de opióides é influenciado por várias barreiras, incluindo regulamentações restritivas, políticas de saúde, restrições financeiras e a falta de educação tanto para os médicos quanto para os pacientes. Além disso, há uma prática disseminada de automedicação, especialmente com analgésicos não opióides, em que uma parcela significativa da população recorre ao uso de medicamentos sem prescrição médica.

O uso de opióides não médicos no Brasil é relativamente baixo em comparação com a América do Norte, mas ainda assim existem indícios de que o uso não prescrito tem aumentado ao longo do tempo. Isso pode ser um reflexo de questões socioculturais, como a prevalência de dor crônica e o uso de outros medicamentos, mas também é necessário investigar mais profundamente os fatores que contribuem para esse comportamento. Embora o Brasil apresente níveis baixos de uso de opióides ilícitos (como heroína ou fentanil), isso não significa que o país esteja livre de desafios relacionados ao consumo de substâncias. O uso de substâncias ilícitas no Brasil tende a ser mais focado em psicoestimulantes, como cocaína e crack.

Por fim, a falta de dados rigorosos e consistentes sobre o uso de opióides e seus danos no Brasil é uma preocupação significativa. A escassez de indicadores confiáveis dificulta a formulação de políticas de saúde pública e a implementação de práticas adequadas para o tratamento da dor. Isso destaca a necessidade de um monitoramento mais robusto e de uma abordagem mais equilibrada no uso de opióides, que considere tanto a necessidade de alívio da dor quanto os potenciais riscos associados a esses medicamentos. Embora os opióides sejam eficazes para o tratamento da dor, eles apresentam um alto risco de dependência, especialmente em indivíduos com predisposição ao abuso de substâncias” (Kreling; Mattos-Pimenta, 2017).

O tratamento com opióides em pacientes com uso de substâncias deve ser baseado

em uma abordagem cuidadosa, que inclua monitoramento constante e estratégias de redução de danos. (Kreling; Mattos-Pimenta, 2017).

A administração de analgésicos opióides em pacientes com suspeita de uso de drogas é um tema controverso, pois envolve uma série de desafios clínicos e éticos. Como observado por Kreling e Mattos-Pimenta (2017), o uso de opióides em pacientes com histórico de abuso de substâncias ou com risco elevado de dependência deve ser cuidadosamente monitorado, uma vez que esses medicamentos apresentam um risco significativo de abuso e efeitos adversos graves, como a depressão respiratória e a overdose. Esses riscos tornam o manejo da dor em pacientes nessa condição particularmente delicado e exige estratégias específicas para minimizar o potencial de danos.

Os opióides, apesar de sua eficácia no controle da dor, apresentam um alto risco de dependência, especialmente em indivíduos com histórico de abuso de substâncias. Como destacado pelos autores, a combinação de opióides com outras drogas psicoativas pode intensificar esses riscos, potencializando os efeitos adversos e a possibilidade de complicações graves (Kreling; Mattos-Pimenta, 2017). Nesse contexto, a abordagem clínica deve ser voltada para a avaliação rigorosa do paciente, levando em consideração não apenas a intensidade da dor, mas também os antecedentes relacionados ao uso de substâncias.

A personalização do tratamento é fundamental nesse cenário. Os profissionais de saúde devem adotar uma abordagem que leve em consideração tanto os aspectos físicos da dor quanto os fatores psicossociais e comportamentais que podem influenciar o risco de abuso. Como mencionado no artigo, é necessários um controle constante e o uso de estratégias de redução de danos, que podem incluir alternativas ao uso de opióides, como terapias não farmacológicas ou analgésicos não opióides, quando possível (Kreling; Mattos-Pimenta, 2017).

Além disso, a educação do paciente sobre os riscos associados ao uso de opióides é essencial para garantir que ele compreenda as possíveis consequências do tratamento, especialmente em relação à dependência e ao abuso. Kreling e Mattos-Pimenta (2017) destacam que os profissionais de saúde devem informar adequadamente os pacientes sobre esses riscos, assegurando que a escolha do tratamento seja feita de forma

colaborativa e consciente. Embora o tratamento com opioides seja muitas vezes necessário, especialmente em casos de dor intensa ou crônica, o artigo sugere que, para pacientes com histórico de abuso de substâncias, esses medicamentos devem ser usados apenas quando não houver outras opções eficazes disponíveis. O uso restrito e sob rigoroso controle médico visa equilibrar o alívio da dor com a prevenção de complicações associadas ao uso de opióides (Kreling; Mattos-Pimenta, 2017).

A administração de analgésicos opióides em pacientes com suspeita de uso de drogas exige um cuidado especial, que envolve a avaliação detalhada do risco de abuso, a escolha criteriosa dos medicamentos e o monitoramento contínuo. A combinação de medidas terapêuticas adequadas, educação do paciente e estratégias de redução de danos é essencial para garantir um tratamento eficaz e seguro, minimizando os riscos de complicações e promovendo a recuperação dos pacientes.

A administração de analgésicos opióides em pacientes com suspeita de uso de drogas é um tema que exige uma abordagem criteriosa, dada a complexidade envolvida no manejo da dor em indivíduos com histórico de dependência ou risco de abuso. Ao refletir sobre o artigo de Kreling e Mattos-Pimenta (2017), é possível perceber a relevância de uma avaliação clínica detalhada, que leve em consideração não apenas os aspectos físicos da dor, mas também os antecedentes pessoais e comportamentais dos pacientes. Nesse contexto, a recomendação de usar opióides com cautela e monitoramento constante é fundamental, visto que o risco de dependência é elevado.

Por um lado, o uso de opióides é necessário em muitos casos para o alívio eficaz da dor, especialmente em situações de dor intensa e crônica. No entanto, como os autores destacam, a combinação de opioides com outras substâncias psicoativas pode agravar significativamente os riscos, tornando o controle ainda mais difícil. Em minha prática profissional, tenho observado a necessidade de tratar a dor de maneira individualizada, levando em conta o histórico de cada paciente e utilizando, sempre que possível, alternativas não opióides ou tratamentos não farmacológicos, a fim de reduzir a exposição a medicamentos com potencial de abuso.

Além disso, concordo plenamente com a recomendação de proporcionar educação contínua ao paciente sobre os riscos do uso de opióides, de forma que ele possa tomar decisões informadas sobre seu tratamento. Essa abordagem educacional pode contribuir

para a conscientização e, conseqüentemente, para o uso mais seguro e responsável dos medicamentos. É importante também destacar que, apesar da relevância do uso de opioides em algumas situações clínicas, os profissionais de saúde devem ser treinados para identificar sinais precoces de abuso e para manejar essas situações de maneira adequada, com acompanhamento constante e ajustando o tratamento sempre que necessário. A utilização de estratégias de redução de danos e a implementação de programas de monitoramento da dor são essenciais para alcançar um equilíbrio entre o controle eficaz da dor e a prevenção de complicações associadas ao uso indevido de opióides.

Em resumo, a administração de opióides em pacientes com suspeita de uso de drogas requer um conjunto de estratégias clínicas que envolvem avaliação constante, educação do paciente e monitoramento rigoroso. Apenas assim é possível garantir que o tratamento seja seguro, eficaz e que minimize os riscos de dependência ou complicações graves. O cuidado em saúde, para ser efetivo, precisa ser compreendido em sua complexidade. A abordagem multidimensional, nesse contexto, representa um avanço significativo ao considerar não apenas os aspectos biológicos, mas também os fatores emocionais, sociais, espirituais e culturais que influenciam a condição de cada pessoa. Essa perspectiva amplia o olhar sobre o paciente, permitindo que o cuidado seja individualizado, centrado na pessoa e mais eficaz na promoção da qualidade de vida.

Nesse cenário, o enfermeiro exerce um papel fundamental na articulação com outros profissionais da saúde. Como elo entre os diversos níveis de atenção e os diferentes saberes, o enfermeiro atua como facilitador da comunicação, integrando informações clínicas, demandas subjetivas e estratégias terapêuticas. A prática colaborativa e o trabalho em equipe são essenciais para que o cuidado seja coordenado, resolutivo e humanizado.

Além disso, a escuta qualificada, o vínculo terapêutico e a educação em saúde constituem pilares imprescindíveis da atuação do enfermeiro. Escutar de forma ativa e empática permite compreender as reais necessidades dos pacientes e suas famílias, fortalecendo o relacionamento de confiança e favorecendo o autocuidado. O vínculo, quando bem estabelecido, contribui para a adesão ao tratamento e para a construção de um espaço seguro, onde o usuário se sente acolhido. Já a educação em saúde é uma

ferramenta poderosa de transformação, pois capacita o indivíduo a participar de forma consciente de seu processo de saúde e doença, promovendo autonomia e prevenção de agravos. Assim, a integração entre uma abordagem multidimensional, o trabalho interprofissional e uma escuta sensível e comprometida representa o alicerce de um cuidado mais ético, humano e efetivo, alinhado aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e às necessidades reais da população.

CONCLUSÃO

Dessa forma o estudo associado ao objetivo analisou a atuação da enfermagem no manejo da dependência a opióides, em pacientes com dor aguda e crônica.

Essa análise demonstrou que a atuação da enfermagem vai além da administração de fármacos, abrangendo uma avaliação contínua da dor, detecção precoce de sinais de dependência, monitoramento de reações adversas e educação contínua a pacientes e familiares que sofrem com essa condição. A construção dos quadros deste artigo, evidenciou os efeitos adversos do uso indevido de opioides, as intervenções de enfermagem são fundamentais para prática clínica, elas permitem uma rápida identificação dos sinais e sintomas que necessitam de atenção, além de guiar as ações preventivas, corretivas, minimizar riscos associados ao uso destes fármacos, promovendo a segurança do paciente e qualidade do cuidado prestado pela equipe de enfermagem. Além disso, o uso dessas ferramentas, baseados em evidências, fortalece o papel do enfermeiro como agente central na gestão do cuidado farmacológico, ampliando a capacidade de intervenção diante de possíveis complicações.

Considerando o aumento do uso indevido de opióides e seus impactos na saúde individual e coletiva, é fundamental que a enfermagem atue com segurança e conhecimento técnico-científico, visando a melhoria do cuidado centrado nas necessidades de cada paciente com apoio da equipe multidisciplinar.

Apesar da relevância do tema, existe uma escassez de estudos centrados na estratégia do cuidado desenvolvidas pela enfermagem no contexto da dependência a opióides, o que reforça a necessidade de novos estudos.

Assim, a atuação de enfermagem é essencial para prevenção de complicações, cuidado humanizado, promoção em saúde e educação sobre o uso racional de opióides

para pacientes que fazem o uso contínuo destes, devido a dor aguda e crônica. Contribuindo significativamente para a segurança do paciente e enfrentamento da dependência.

Dessa maneira, observa-se que o presente trabalho cumpriu integralmente o objetivo proposto, ao analisar com profundidade o papel da enfermagem frente à dependência de opióides. A pesquisa trouxe informações relevantes, embasadas em evidências científicas atualizadas, que contribuem não apenas para a prática clínica, mas também para o fortalecimento da formação profissional e construção de protocolos assistenciais. A estrutura adotada neste estudo, com fundamentação teórica, tabelas explicativas e análise crítica, oferece suporte consistente para a replicação do conteúdo em contextos acadêmicos e institucionais, além de possibilitar o desenvolvimento de novos estudos sobre a temática.

Assim, este trabalho não só amplia a compreensão sobre o cuidado de enfermagem nesse cenário, como também propicia um ponto de partida sólido para futuras pesquisas e intervenções na área. A pesquisa atingiu seu objetivo ao evidenciar a importância da atuação da enfermagem no cuidado a pacientes em abstinência de opióides, considerando uma abordagem que integra aspectos físicos, emocionais, sociais e educativos. Observou-se que a enfermagem contribui significativamente para a prevenção de complicações, o uso seguro dos opioides e o acolhimento humanizado. Contudo, destaca-se a necessidade de novos estudos que aprofundem as práticas assistenciais e estratégias específicas voltadas ao enfrentamento da dependência, visando fortalecer a qualidade e a segurança do cuidado.

REFERÊNCIAS

CADORIN, Karina; COGO, Ana Luísa Petersen. Validação de vídeos educativos sobre manejo da dor e prevenção da adição por opioides. *J. Nurs. Health*, v. 14, n. 2, p. e1425597, 2024.

COLUZZI, Flaminia; TAYLOR Jr., et al. Guia de boas práticas clínicas para opióides no tratamento da dor: os três Ts – titulação (teste), ajustes (individualização), transição (redução gradual). *Revista Brasileira de Anestesiologia*, São Paulo, v. 66, n. 3, p. 310–317, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rba/a/Kvpd3wckHnmwmTst5zfsqGf/>. Acesso em: 3 maio 2025.

GICOVATE, Ana Gabriela Poppe et al. Crise dos opioides e gerenciamento eficaz de sua dependência: uma revisão bibliográfica. *Revista Científica da Faculdade de Medicina*

de Campos, v. 18, n. 1, p. 32–37, jan./jun. 2023. DOI: 10.29184/1980-7813.rcfmc.557.vol.18.n1.2023.

JEFFERY, Molly Moore et al. Vias da dor aguda: protocolo para um estudo de coorte prospectivo. *BMJ Open*, [s.l.], v. 12, n. 7, e058782, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9258513>. Acesso em: 3 maio 2025. DOI: 10.1136/bmjopen-2021-058782.

KRAYCHETE, Durval Campos et al. Recomendações para uso de opióides no Brasil: Parte IV. Efeitos adversos de opióides. *Revista Dor*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 251–255, jul./set. 2014.

KRELING, Maria Clara Giorio Dutra; MATTOS-PIMENTA, Cibele Andrucio de. Administração de analgésicos opióides em pacientes com suspeita de uso de drogas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 70, n. 3, p. 626–632, 2017. DOI: 10.1590/0034-7167-2016-0501.

LÕES DE KLEIJN, et al. Explorando os facilitadores e as barreiras na prescrição de opióides para tratamento da dor não oncológica vivenciada por médicos generalistas: um estudo qualitativo. *European Journal of Pain*, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ejp.2243>. Acesso em: 3 maio 2025.

MAIA, Lucas O. et al. Uso, regulamentação e danos de opioides no Brasil: uma visão narrativa abrangente dos dados e indicadores disponíveis. *Journal of Substance Use*, [s.l.], v. 25, p. 1–13, 2021. DOI: 10.1080/14659891.2021.1935894.

NAJIB, Ulmer et al. Posição da AAN – Opióides. *Neurology*, [s.l.], v. 104, n. 9, p. e213544, 13 maio 2025. Disponível em: <https://www.neurology.org>. Acesso em: 3 maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.1212/WNL.00000000000213544>.

NASCIMENTO, Daiana Ciléa Honorato; SAKATA, Rioko Kimiko. Dependência de opióides em pacientes com dor crônica. *Revista Dor*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 160–165, abr./jun. 2011.

NASCIMENTO, Leonel Alves do et al. Manejo da dor e dificuldades relatadas pela equipe de enfermagem na administração de opióides. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 13, n. 4, p. 714–720, out./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v13i4.10432>. Acesso em: 3 maio 2025.

OWENS, R. A.; SMALLING, M. et al. Saúde mental, transtorno por uso de substâncias e transtorno por uso de opióides: atualizações e estratégias de tratamento. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, p. 88–100, jul./set. 2021. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.187412.

PIOVEZAN, Marcelo et al. Uso e prescrição de opioides no Brasil: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2024.

RODRÍGUEZ-ESPINOSA, Sara; COLOMA-CARMONA, Ainhoa et al. Tolerância, sintomas de abstinência entre doses e desejo predizem a gravidade do transtorno por uso de opioides prescritos em pacientes com dor crônica: um estudo prospectivo de três ondas. *Psychiatry Research*, v. 342, 2024, 116241. ISSN 0165-1781. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2024.116241>.

WEBSTER, Fiona et al. Uma etnografia do manejo da dor crônica na atenção primária: a

organização social do trabalho dos médicos em meio à crise dos opióides. *PLOS ONE*, [s.l.], v. 14, n. 5, e0215148, 1 maio 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0215148>. Acesso em: 3 maio 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Overdose de opióides. [S.l.]: **World Health Organization**, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/opioid-overdose>. Acesso em: 3 maio 2025.

YARBOROUGH, Bobbi Jo H. et al. Impacto das reduções de dose de opioides na saúde mental relatada pelo paciente e no comportamento relacionado ao suicídio e relação com a escolha do paciente nas decisões de redução gradual. *The Journal of Pain*, v. 25, n. 4, p. 1094–1105, abr. 2024.

Submissão: março de 2025. Aceite: abril de 2025. Publicação: agost de 2025.